

Notícias da Mocidade

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei – Allan Kardec

Edição de Abril de 2022

Um desafio chamado família

Marcelino Pereira da Cunha

A embalagem.

Vamos falar de gente, de pessoas...

Existe, acaso, algo mais espetacular do que gente?

Pessoas são uns presentes. Algumas têm um embrulho bonito, como os presentes de Natal, páscoa ou festa de aniversário.

Outras vêm em embalagem comum. E há as que buscamos no correio...

De vez em quando umas registradas. São os presentes valiosos.

Algumas pessoas trazem invólucros fáceis. Outras são difíceis, quase impossível, tirar as embalagens. É fita durex que não acaba mais...

A embalagem não é o presente. E tantas pessoas enganam-se, confundindo a embalagem com o presente.

Por que será que alguns presentes são tão complicados de se abrir? Talvez, porque, dentro da bonita embalagem, haja muito pouco valor e bastante vazio, bastante solidão. A decepção seria grande.

Também, você amigo, também eu, somos um presente para os outros. Você para mim, eu para você.

Tristes se formos apenas um presente embalagem: muito bem empacotado e quase nada, lá dentro. Quando existe verdadeiro encontro com alguém, no diálogo, na abertura, na fraternidade, deixamos de ser mera embalagem e passamos à categoria de reais presentes. Nos verdadeiros encontros humanos, acontecem coisas muito comoventes e essenciais: mutuamente nós vamos desembulhando, desempacotando, revelando...

Você já experimentou essa imensa alegria da vida?

A alegria profunda que nasce da alma quando duas pessoas comunicam-se virando um presente uma para outra?

Conteúdo interno é segredo para quem deseja tornar-se presente aos irmãos de cada estrada e não apenas embalagem...

Um presente assim não necessita de embalagem.

É a verdadeira alegria que a gente sente e não consegue descrever!

Só nasce no verdadeiro encontro com alguém. A gente abre, sente e agradece a Deus.

(Desconheço o autor)

Paz a todos!

Histórias que a vida conta

Marcelino Pereira da Cunha

A mochila e as pedras

Um fervoroso devoto estava atravessando uma fase muito penosa de sua vida, com graves problemas de saúde em família e sérias dificuldades financeiras, por isso orava diariamente pedindo que o livrassem de tamanhas atribuições.

Um dia, enquanto fazia suas preces, um anjo apareceu-lhe, trazendo uma mochila e a seguinte mensagem:

O Senhor se compadeceu da sua situação e manda-lhe dizer que é para você colocar nesta mochila o máximo de pedras que conseguir e carregá-la com você, em suas costas, por um ano, sem tirá-la por um instante sequer. Manda, também, dizer-lhe que se você fizer isso, no final desse tempo, ao abrir a mochila, terá uma grande alegria. E desapareceu, deixando o homem bastante confuso e revoltado.

“Como pode o Senhor brincar comigo dessa maneira? Eu oro sem cessar, pedindo a sua ajuda, e Ele me manda carregar pedras?” Já não me bastam os tormentos e provações que estou vivendo? Pensava o devoto. Ao contar para sua mulher a estranha ordem que recebera do Senhor, ela lhe disse que talvez fosse prudente seguir as determinações dos Céus e concluiu dizendo:

Deus sempre sabe o que faz...

O homem estava decidido a não fazer o que o Senhor lhe ordenara, mas, por via das dúvidas, resolveu cumpri-la em parte, após ouvir a recomendação da sua mulher. Assim, colocou duas pedras pequenas dentro da mochila e carregou-a nas costas por longos doze meses.

Findo esse tempo, na data marcada, mal se contendo de tanta curiosidade, abriu a mochila conforme as ordens do Senhor e descobriu que as duas pedras que carregara nas costas por um ano inteiro tinham se transformado em pepitas de ouro, apenas duas pequenas pepitas.

Todos os episódios que vivemos na vida, inclusive os piores e mais duros de se suportar, são sempre extraordinárias e maravilhosas fontes de crescimento.

Temendo a dor, a maioria se recusa a enfrentar desafios, a partir para novas direções, a sair do lugar comum, da mesmice de sempre.

Temendo o peso e o cansaço, a maioria faz tudo para evitar situações novas, embaraçosas, que envolvam qualquer tipo de conflito.

Aqueles que encaram para valer as situações que a vida propõe, aqueles que resolvem “carregar as pedras” com amor, ao invés de evitá-las, negá-las ou esquivar-se delas, esses alcançam a plenitude do viver e transformam, com o tempo, o peso das pedras que transportaram em peso de sabedoria.

Como está sua mochila?

Não conheço o autor desta fábula, mas ela contém muita sabedoria quando procura entender a profunda sabedoria da vida contida em suas linhas.

Paz a todos!

Pingos de Luz

Sulamita de Almeida

Deus Único

Embora a ideia do Deus único tenha-nos sido revelada há mais de quatro mil anos e a maioria das religiões fundamenta-se no monoteísmo, observa-se, em pleno século XXI, o comportamento politeísta por grande parte da humanidade.

A missão de Moisés foi consolidar a crença no Deus único e implantar as noções básicas do direito e da Justiça:

“Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. — Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.”

Jesus, sem destruir a lei estabelecida por Moisés, revela que Deus é o nosso Pai de amor e bondade:

“Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e acrescentando: aí estão a lei toda e os profetas.”

No século XIX, o “Consolador” prometido por Jesus veio descerrar os véus que cobriam a verdade ensinada por Jesus:

“O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer com que a humanidade avance.”

Na sociedade que tem os seus valores fundamentados no materialismo, não se concebe orar pelo criminoso, ter compaixão pelo malfeitor.

As nossas preces, campanhas de apoio, a empatia e a solidariedade são dedicadas apenas às vítimas, já o malfeitor recebe o julgamento, o ódio, a vingança e todos os tipos de insultos e humilhações.

Esse comportamento demonstra que a nossa crença no Deus único é apenas teórica.

Quando a humanidade chegar à condição de compreender que a interpretação pessoal de Deus deve considerar que Ele ama a todos de forma indiscriminada e independentemente de qualquer outra coisa, será possível, finalmente, figurar-se entre os mundos de regeneração.

Para consolidar a nossa reflexão sobre a verdade do Deus Único e assim modificarmos o nosso modo de conviver com o próximo, "vítima" e, também com o próximo, "malfeitor", transcrevemos a esclarecedora página de Emmanuel.

Perante Deus

Se houve alguém na Terra com autoridade suficiente para definir o Supremo Criador do Universo, esse alguém foi Jesus, que o representava, sublime, à frente da Humanidade.

Entretanto, para desincumbir-se da divina missão de revelá-lo a nós outros, não se perde em cogitações da inteligência, de vez que a inteligência é fatalmente constrangida a renovar-se, todos os dias.

Nem presunção.

Nem retórica.

Nem violência.

Nem fantasia.

O Mestre Inolvidável serviu apenas; elegendo no amor puro e irrestrito, a força de sua mensagem inesquecível.

De todas as criaturas, busca a melhor parte para exalçá-las à glória excelsa.

Doutrinando os doutores do Templo, não lhes menospreza a cultura. Apenas esclarece-os.

Em contato com Zaqueu, não lhe amaldiçoa os haveres. Auxilia-o a usá-los.

Junto de Madalena, não lhe vergasta a condição de mulher sofredora. Soergue-lhe o bom ânimo.

Ao pé dos enfermos de todos os matizes, não lhes destaca os erros e os compromissos. Ajuda-os, simplesmente.

Sofrendo a negação de Pedro, não lhe condena a atitude. Espera a hora justa de ampará-lo com segurança.

Perseguido por Saulo, não lhe arroja a alma ardente aos pântanos infernais. Procura-o com bondade e transforma-o no bem.

É que somente através do amor realizado e vivido conseguiremos, de alguma sorte, sentir a grandeza do Autor de Nossos Dias.

E é ainda por essa razão que o próprio Jesus, convidado pelos discípulos a estabelecer uma norma de oração, no campo da Boa Nova; Ele, que trazia das Esferas Resplendentes a luz da eterna sabedoria, limitou-se à reverência e ao amor, ao respeito e à confiança, definindo Deus, a Causa de Toda Vida, como sendo Nosso Pai.

Referências:

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – Introdução e Cap.1

Livro: Cura – Autores Diversos/Chico Xavier – cap.1

Relendo o livro “LIBERTAÇÃO”

Regina Célia Lanne

CAPÍTULO VII – Quadro doloroso – Primeira parte

Após noite aflitiva naquela cela, André sentia-se inquieto, quando um emissário do sacerdote Gregório foi procurá-lo bem como Gúbio e Elói para dizer-lhes que dispunham de liberdade, por algumas horas, até que fossem recebidos pelo sacerdote.

Aproveitariam aqueles momentos para observar os ovóides que repletavam aquela cidade estranha. Consistiam eles de aleijados de todos os matizes, com características de idiotia, tanto homens quanto mulheres de fisionomia torturada, como alienados mentais.

Outros já demonstravam crueldade no olhar, com expressão de maldade e mantinham conversação ociosa de forma obsessiva.

A paisagem era deplorável, as edificações eram revestidas de substâncias lodosas, exalando mau cheiro; vegetação mirrada e escassa. O Sol ali parecia de longe uma bola de fogo. Gritos humanos, filhos da dor, causavam piedade.

Era impraticável um serviço de assistência no momento. Elói, forçando um bom humor, perguntou ao instrutor se o inferno teria algumas daquelas proporções, e a informação veio esclarecer que o homem comum não tem sequer ideia da importância das criações mentais em suas vidas. A mente arquiteta planos na matéria que circunda, muitas vezes, formações de vida inferior.

Atravessando labirintos, os três chegaram a uma edificação que denominaram de Asilo de Espíritos Desamparados. Após uma muralha circundante, eles viram um vale profundo, habitado por seres com toda espécie de padecimento que emitiam lamentos animais e humanos.

Gúbio asseverou estarem ali milhares de criaturas que haviam abusado do dom da vida, réus de sua própria consciência, personalidades que alcançaram a sobrevivência sobre a ruína do próprio “eu”, confinados a escuro setor de alienação mental, através da ociosidade no mundo físico e conseqüentemente estavam no local entregues à tortura redentora.

A região era apenas a superfície das trevas.

E acrescentou ainda que o recurso era amontoar a multidão em vala comum. Eram milhares de espíritos que menosprezaram a oportunidade de crescimento e evolução.

Entretanto, não estavam esquecidos. A renúncia opera com Jesus por toda parte.

Reflexões

O caminho da paz

Reunião pública de 08/06/1959

Questão nº 743 (de O Livro dos Espíritos)

Dos grandes flagelos do mundo antigo, salientavam-se dez que rebaixavam a vida humana:

A barbárie, que perpetuava os desregramentos do instinto.

A fome, que atormentava o grupo tribal.

A peste, que dizimava populações.

O primitivismo, que irmanava o engenho do homem e a habilidade do castor.

A ignorância, que alentava as trevas do Espírito.

O insulamento, que favorecia as ilusões do feudalismo.

A ociosidade, que categorizava o trabalho à conta de humilhação e penitência.

O cativoiro, que vendia homens livres nos mercados da escravidão.

A imundície, que relegava a residência terrestre ao nível dos brutos.

A guerra, que suprime a paz e justifica a crueldade e o crime entre as criaturas.

* * *

Veio a política e, instituindo vários sistemas de governo, anulou a barbárie.

Apareceu o comércio e, multiplicando as vias de transporte, dissipou a fome.

Surgiu a Ciência, e exterminou a peste.

Eclodiu a indústria, e desfez o primitivismo.

Brilhou a imprensa, e proscreeu-se a ignorância.

Criaram-se o telégrafo sem fio e a navegação aérea, e acabou-se o insulamento.

Progrediram os princípios morais, e o trabalho fulgiu como estrela na dignidade humana desacreditando a ociosidade.

Cresceu a educação espiritual, e aboliu-se o cativoiro.

Agigantou-se a higiene, e removeu-se a imundície.

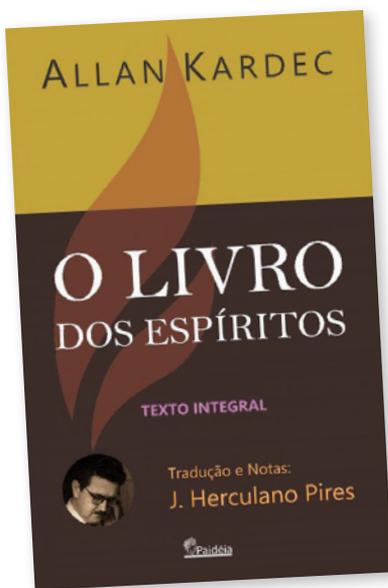
Mas nem a política, nem o comércio, nem a Ciência, nem a indústria, nem a imprensa, nem a aproximação entre os povos, nem a exaltação do

trabalho, nem a evolução do direito individual e nem a higiene conseguem resolver o problema da paz, porquanto a guerra — monstro de mil faces que começa no egoísmo de cada um, que se corporifica na discórdia do lar, e se prolonga na intolerância da fé, na vaidade da inteligência e no orgulho das raças, alimentando-se de sangue e lágrimas, violência e desespero, ódio e rapina, tão cruel entre as nações supercivilizadas do século XX, quanto já o era na corte obscurantista de Ramsés II — somente desaparecerá quando o Evangelho de Jesus iluminar o coração humano, fazendo que os habitantes da Terra se amem como irmãos.

É por isso que a Doutrina Espírita no-lo revela, atualmente, sob a luz da Verdade, fiel ao próprio Cristo, que nos advertiu, convincente: “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos fará livres”.

Emmanuel/F.C. Xavier – livro: Religião dos Espíritos

Comemorações



165 de O Livro dos Espíritos

Neste mês completa-se 165 do lançamento da primeira Obra Básica da Doutrina Espírita: O Livro dos Espíritos. O dedicado professor Herculano Pires, na introdução de O Livro dos Espíritos, na edição por ele traduzida, traz interessantes observações sobre esta monumental obra:

“Com este livro, em 18 de abril de 1857, raiou para o mundo a era espírita. Nele se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Paraclito ou Espírito da Verdade. Dizer isso equivale a afirmar que O Livro dos Espíritos é o código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história

do pensamento. Este não é um livro comum, que se pode ler de um dia para o outro e depois esquecer num canto da estante. Nosso dever é estudá-lo e meditá-lo, lendo-o e relendo-o constantemente.

Sobre este livro se ergue todo um edifício: o da Doutrina Espírita. Ele é a pedra fundamental do Espiritismo, o seu marco inicial. O Espiritismo surgiu com ele e com ele se propagou, com ele se impôs e consolidou no mundo. Antes deste livro não havia Espiritismo, e nem mesmo esta palavra existia. Falava-se em Espiritualismo e Neo-Espiritualismo, de maneira geral, vaga e nebulosa. Os fatos espíritas, que sempre existiram, eram interpretados das mais diversas maneiras. Mas, depois que Kardec o lançou à publicidade, “contendo os princípios da Doutrina Espírita”, uma nova luz brilha nos horizontes mentais do mundo.

Há uma sequência histórica que não podemos esquecer, ao tomar este livro nas mãos. Quando o mundo se preparava para sair do caos das civilizações primitivas, apareceu Moisés, como o condutor de um povo destinado a traçar as linhas de um novo mundo: e de suas mãos surgiu a Bíblia. Não foi Moisés quem a escreveu, mas foi ele o motivo central dessa primeira codificação do novo ciclo de revelações: o cristão. Mais tarde, quando a influência bíblica já havia modelado um povo, e quando este povo já se dispersava por todo o mundo gentio, espalhando a nova lei, apareceu Jesus; e das suas palavras, recolhidas pelos discípulos, surgiu o Evangelho.

A Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o código hebraico em que se fundiram os princípios sagrados e as grandes lendas religiosas dos povos antigos, a grande síntese dos esforços da antiguidade em direção ao espírito. Não é de admirar que se apresente muitas vezes assustadora e contraditória, para o homem moderno. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã, a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária. Mas assim como, na Bíblia, já se anunciava o Evangelho, também neste aparecia a predição de novo código, o do Espírito da Verdade, como se vê em João, XIV. E o novo código surgiu pelas mãos de Allan Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, no momento exato em que o mundo se preparava para entrar numa fase superior do seu desenvolvimento.

Hegel, em suas lições de estética, mostra-nos as criações monstruosas da arte oriental, - figuras gigantescas, de duas cabeças e muitos braços e pernas, e outras formas diversas, - como a primeira tentativa do Belo para dominar a matéria e conseguir exprimir-se através dela. A matéria grosseira resiste à força do ideal, desfigurando-o nas suas representações. Mas acaba sendo dominada, e então aparecem no mundo as formas equilibradas e harmoniosas da arte clássica. Atingido, porém, o máximo de equilíbrio possível, o Belo mesmo rompe esse equilíbrio, nas formas românticas e modernas da arte, procurando superar o seu instrumento material, para melhor e mais livremente se exprimir. Essa grandiosa teoria hegeliana nos parece perfeitamente aplicável ao processo das revelações cristãs: das formas incongruentes e aterradoras da Bíblia, passamos ao equilíbrio clássico do Evangelho, e deste à libertação espiritual de O Livro dos Espíritos.

Cada fase da evolução humana se encerra com uma síntese conceptual de todas as suas realizações. A Bíblia é a síntese da antiguidade, como o Evangelho é a síntese do mundo greco-romano-judaico, e O Livro dos Espíritos a do mundo moderno. Mas cada síntese não traz em si tão somente os resultados da evolução realizada, porque encerra também os germens do futuro. E na síntese evangélica temos de considerar, sobretudo, a presença do Messias, como uma intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno. É graças a essa intervenção que os princípios evangélicos passam diretamente, sem necessidade de readaptações ou modificações, em sua pureza primitiva, para as páginas deste livro, como as vigas mestras da edificação da nova era."

Dicas de leitura



Instrução Prática

Esta é, possivelmente, a obra menos conhecida de Kardec: um manual dedicado aos médiuns. Lançada em 1858 ("O Livro dos Espíritos" data de 1857), esta é, em ordem cronológica, a segunda obra espírita publicada pelo Codificador; um livro esquecido, depois da publicação de "O Livro dos Médiuns", que o substituíra, segundo as palavras de Kardec.

Todavia, Jean Meyer, sucessor de Allan Kardec na direção da Revista Espírita, redescobriu e publicou estas Instruções em 1923. E no mesmo ano Cairbar Schutel traduziu-as para o leitor brasileiro.

Ambos, Meyer e Cairbar, perceberam não só o grande valor histórico deste pequeno livro, mas também a importância do seu compacto e precioso vocabulário espírita - cerca de 160 verbetes -, que foi, nos parece, a primeira tentativa nesse sentido, realizada pelo próprio Codificador.

Instruções Práticas revela-se, portanto, um dos importantes documentos históricos que marcaram o início do Movimento Espírita, além de ser de grande utilidade o seu vocabulário espírita como fonte de consulta.

Evento

AME
Associação de Médiuns Espíritos

ENCONTRO DE
EXPOSITORES
ESPÍRITAS

10/04/2022
9h as 11h

ON-LINE
Google Meet

Link: <https://meet.google.com/jch-uhwm-zec>

O Notícias da Mocidade é uma publicação mensal e constitui-se num instrumento de divulgação doutrinária da Mocidade Espírita André Luís da Silva, do Grupo Espírita da Amizade.

GRUPO ESPÍRITA DA AMIZADE

Rua Araguari, 270 – São Cristóvão – CEP 38.184-080 – Araxá /MG



Presidente: Marcelino Pereira da Cunha

Coordenadora da Mocidade Espírita André Luís da Silva: Márcia Montandon de Lima Chaves

Jornal Notícias da Mocidade

Colaboradores: Jaomar Zanolini Nazareth, Marcelino Pereira da Cunha, Oscar Montandon Lima, Regina Lanne e Sulamita de Almeida.

Redação, montagem e diagramação: José Ribeiro Chaves Filho (1993 à 2021 – *in memoriam*)

Criação da versão digital: Jordana de Lima Chaves

Revisão: Sandra Maria Oliveira Rocha.

Impressão: Gráfica São Geraldo (1993 à 2021)

Os colaboradores não recebem remuneração a qualquer título.

A opinião dos colunistas não reflete a opinião do jornal.